

sem limites. O coletor de Cafarnaum aproximou-se e os saudou transbordante de alegria, compreendendo que o ensino do Mestre, em toda a sua luz, abrangia o porvir infinito do mundo. Grande esperança e indefinível paz lhe haviam penetrado o amago do sêr. No dia imediato, o ex-publicano abriu suas portas a todos os convivas daquele crepusculo memorável. Jesus participou da festa, partiu o pão e se alegrou com eles. E, quando Levi abraçou o aleijado Lisandro, com a sinceridade de sua alma fiel, o Mestre o contemplou enternecido e disse: — Levi, meu coração se rejubila hoje contigo, porque são também bemaventurados todos os que ouvem e compreendem a palavra de Deus!...

XII

AMOR E RENUNCIA

O manto da noite caía de leve sobre a paisagem de Cafarnaum e Jesus, depois de uma das grandes assembléias populares do lago, se recolhia á casa de Pedro em companhia do apóstolo. Com a sua palavra divina havia tecido luminosos comentários em torno dos mandamentos de Moisés, Simão, no entanto, ia pensativo como se guardasse uma dúvida no coração.

Inquirido com bondade pelo Mestre, o apóstolo esclareceu:

— Senhor, em face dos vossos ensinamentos, como deveremos interpretar a vossa primeira manifestação, transformando a agua em vinho, nas bodas de Caná? Não se tratava de uma festa mundana? O vinho não iria cooperar para o desenvolvimento da embriaguez e da gula?

Jesus compreendeu o alcance da interpelação e sorriu.

— Simão — disse ele — conheces a alegria de servir a um amigo?

Pedro não respondeu, pelo que o Mestre continuou:

— As bodas de Caná foram um simbolo da nossa união na Terra. O vinho ali foi bem o da alegria com que desejo selar a existencia do Reino

de Deus nos corações. Estou com os meus amigos e amo-os a todos. Os afetos dalma, Simão, são laços misteriosos que nos conduzem a Deus. Saibamos santificar a nossa afeição, proporcionando aos nossos amigos o maximo da alegria; seja o nosso coração uma sala iluminada onde eles se sintam tranquilos e ditosos. Tenhamos sempre jubilos novos que os reconfortem, nunca contaminemos a fonte de sua simpatia com a sombra dos pesares! As mais belas horas da vida são as que empregamos em ama-los, enriquecendo-lhes as satisfações intimas.

Contudo, Simão Pedro, manifestando a estranheza que aquelas advertencias lhe causavam, interpelou ainda o Mestre, com certa timidez:

— E como deveremos proceder quando os amigos não nos entendam, ou quando nos retribuam com ingratidão?

Jesus, poz nele o olhar lucido e respondeu:

— Pedro, o amor verdadeiro e sincero nunca espera recompensas. A renuncia é o seu ponto de apoio, como o ato de dar é a essencia de sua vida. A capacidade de sentir grandes afeições já é em si mesma um tesouro. A compreensão de um amigo deve ser para nós a maior recompensa. Todavia, quando a luz do entendimento tarde no espirito daqueles a quem amamos, devemos lembrar-nos de que temos a sagrada compreensão de Deus, que nos conhece os propositos mais puros. Ainda que todos os nossos amigos do mundo se convertessem, um dia, em nossos adversarios, ou mesmo em nossos algozes, jamais nos poderiam privar da alegria infinita de lhes haver dado alguma coisa!...

E com o olhar agora absorto na paisagem crepuscular, onde vibravam sutis harmonias, Jesus ponderou, profeticamente:

— O vinho de Caná poderá transformar-se, um dia, no vinagre da amargura; contudo, sentirei, mesmo assim, jubilo em sorve-lo, por minha dedi-

cação aos que vim buscar para o amor do Todo-Poderoso.

Simão Pedro, ante a argumentação consoladora e amiga do Mestre, dissipou as suas derradeiras duvidas, enquanto a noite se apoderava do ambiente, ocultando o conjunto das coisas no seu leque imenso de sombras.

Muito tempo ainda não decorrera sobre essa conversação, quando o Mestre, em seus ensinamentos, deixou perceber que todos os homens, que não estivessem decididos a colocar o Reino de Deus acima de pais, mães e irmãos terrestres, não podiam ser seus discipulos.

No dia desses novos ensinamentos, terminados os labores evangelicos, o mesmo apostolo interpelou o Senhor, na penumbra de suas expressões indecisas:

— Mestre, como conciliar estas palavras tão duras com as vossas anteriores observações, relativamente aos laços sagrados entre os que se estimam?!

Sem deixar transparecer nenhuma surpresa, Jesus esclareceu:

— Simão, a minha palavra não determina que o homem quebre os elos santos de sua vida; antes exalta os que tiverem a verdadeira fé para collocarem o poder de Deus acima de todas as coisas e de todos os seres da criação infinita. O amor dos pais não constitue uma lembrança da bondade permanente de Deus? O afeto dos filhos não representa um suave perfume do coração?! Tenho dado aos meus discipulos o titulo de amigos, por ser o maior de todos.

O Evangelho — continuou o Mestre, estando o apostolo a ouvi-lo, atentamente — não pode

condenar os laços de família, mas coloca acima deles o laço indestrutível da paternidade de Deus. O reino do céu no coração deve ser o tema central de nossa vida. Tudo mais é acessório. A família, no mundo, está igualmente subordinada aos imperativos dessa edificação. Já pensaste, Pedro, no supremo sacrifício de renunciar? Todos os homens sabem conservar, são raros os que sabem privar-se. Na construção do reino de Deus, chega um instante de separação, que é necessário se saiba suportar com sincero desprendimento. E essa separação não é apenas a que se verifica pela morte do corpo, muitas vezes proveitosa e providencial, mas também a das posições estimáveis no mundo, a da família terrestre, a do viver nas paisagens queridas, ou, então, a de uma alma bem amada que preferiu ficar á distancia, entre as flores venenosas de um dia!...

Ah! Simão, quão poucos sabem partir, por algum tempo, do lar tranquilo, ou dos braços adorados de uma afeição, por amor desse reino que é o tabernáculo da vida eterna!! Quão poucos saberão suportar a calúnia, o apêdo, a indiferença, por desejarem permanecer dentro de suas criações individuais, cerrando ouvidos á advertência do céu para que se afastem tranquilamente!... Como são raros os que sabem ceder e partir em silencio, por amor do reino, esperando o instante em que Deus se pronuncia! Entretanto, Pedro, ninguém se edificará, sem conhecer essa virtude de saber renunciar com alegria, em obediência á vontade de Deus, no momento oportuno, compreendendo a sublimidade de seus designios. Por essa razão, os discípulos necessitam aprender a partir e a esperar onde as determinações de Deus os conduzam, porque a edificação do reino do céu no coração dos homens deve constituir a preocupação primeira, a aspiração mais nobre da alma, as esperanças centrais do espirito!...

Ainda não havia anoitecido. Jesus, porém, deu

por concluídas as suas explicações, enquanto as mãos calosas do apóstolo passavam, de leve, sobre os seus olhos humidos.

*

Dando o testemunho real de seus ensinamentos, o Cristo soube ser, em todas as circunstancias, o amigo fiel e dedicado. Nas elucidações de João, vemo-lo a exclamar: — "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; tenho-vos chamado amigos, porque vos revelei tudo quanto ouvi de meu Pai!" E, na narrativa de Lucas, ouvimo-lo dizer, antes da hora extrema: — "Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Pascoa, antes da minha paixão".

Ninguém no mundo já conseguiu elevar á altura em que o Senhor as colocou a beleza e a amplitude dos élos afetivos, mesmo porque a sua obra inteira é a de reunir, pelo amor, todas as nações e todos os homens, no círculo divino da família universal. Mas, também, por demonstrar que o reino de Deus deve constituir a preocupação primeira das almas, ninguém como ele soube retirar-se das posições, no instante oportuno, em obediência aos designios divinos. Depois da magnífica vitória da entrada em Jerusalém, é traído por um dos discípulos amados; negam-no os seus seguidores e companheiros; suas idéias são tidas como perversoras e revolucionárias; é acusado como bandido e feiticheiro; sua morte passa por ser a de um ladrão.

Jesus, entretanto, ensina ás creaturas, nessa hora suprema, a excelsa virtude de retirar-se com a solidão dos homens, mas com a proteção de Deus. Ele, que transformara toda a Galiléia numa fonte divina; que se levantara com desassombro contra as hipocrisias do farisaeismo do tempo; que

desapontara os cambistas, no proprio templo de Jerusalém, como advogado energico e superior de todas as grandes causas da verdade e do bem, passa, no dia do Calvario, em espetaculo para o povo, com a alma num maravilhoso e profundo silencio. Sem proferir a mais leve accusação, caminha humilde, coroado de espinhos, sustendo nas mãos uma cana imunda á guisa de cetro, vestindo a tunica da ironia, sob as cusparadas dos populares exaltados, de faces sangrentas e passos vacilantes, sob o peso da cruz, vilipendiado, sem articular uma queixa.

No momento do Calvario, Jesus atravessa as ruas de Jerusalém, como se estivesse diante da humanidade inteira, ensinando a virtude da renuncia por amor do reino de Deus, revelando ser essa a sua derradeira lição.

XIII

PECADO E PUNIÇÃO

Jesus havia terminado uma de suas pregações na praça publica, quando percebeu que a multidão se movimentava em alvoroço. Alguns populares mais exaltados prorrompiam em gritos, enquanto uma mulher ofegante, cabelos desgrehados e faces macilentas, se aproximava dele, com uma supplica de protecção a lhe sair dos olhos tristes. Os muitos judeus ali aglomerados excitavam o animo geral, reclamando o apedrejamento da pecadora, na conformidade das antigas tradições.

Solicitado, então, a se constituir juiz dos costumes do povo, o Mestre exclamou com serenidade e desassombro, causando estupefação aos que o ouviram:

— Aquele que estiver sem peccado atire a primeira pedra.

Por toda a assembléia se fez sentir uma surpresa inquietante. As accusações morreram nos labios mais exaltados. A multidão ensimesmava-se, para comprehender a sua propria situação. Enquanto isso, o Mestre poz-se a escrever no solo despreocupadamente.

Aos poucos, o local ficara quasi deserto. Apenas Jesus e alguns discipulos lá se conservavam,